



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/10/2020 a 15/10/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/10/2020	10,65	363,10	34,15	5,93	3,95
12/10/2020	10,33	356,70	33,14	5,94	3,89
13/10/2020	10,44	358,50	33,72	5,94	3,91
14/10/2020	10,56	358,40	33,72	5,96	3,96
15/10/2020	10,62	372,10	33,17	6,18	4,03
Média	10,52	361,76	33,58	5,99	3,95

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	149,00	
RS – Não Me Toque	149,00	
RS – Londrina	142,00	
PR – Cascavel	142,00	
MT – C.N.Parecis	146,00	
MS – Maracaju	162,00	CIF
GO - Rio Verde	139,00	
BA – L.E.Magalhães	139,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	72,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	64,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – Cascavel	59,00	
PR – Londrina	59,00	
MT – C.N.Parecis	53,00	
MS – Maracaju	60,00	
SP – Itapetininga	66,00	
SP – Campinas	72,00	CIF
GO – Rio Verde	59,00	
GO – Jataí	59,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	64,00	
RS – Não Me Toque	64,00	
PR – Londrina	67,00	
PR – Cascavel	70,00	

Período: 14/10/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/10/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62,21	148,16	62,13

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/10/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,81
Feijão (saco 60 Kg)	237,92
Sorgo (saco 60 Kg)	43,13
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,59
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,00**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,47

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja tiveram fortes oscilações nesta semana, porém, o primeiro mês cotado encerrou a mesma em alta, com a quinta-feira (15) ficando em US\$ 10,62/bushel, contra US\$ 10,50 uma semana antes.

O processo de alta se acentuou após o anúncio do relatório de oferta e demanda feito pelo USDA no dia 09/10. Embora o mesmo tenha indicado números já esperados pelo mercado, ele acabou confirmando uma safra e estoques finais menores nos EUA. Os principais números foram os seguintes, para o ano 2020/21:

- 1) Safra estadunidense estimada em 116,2 milhões de toneladas, com um recuo de pouco mais de um milhão de toneladas em relação ao relatório de setembro;
- 2) Estoques finais estadunidense estimados em 7,9 milhões de toneladas, com forte recuo ante os 12,5 milhões indicados em setembro;
- 3) Produções brasileira e argentina mantidas em 133 e 53,5 milhões de toneladas;
- 4) Importações chinesas aumentadas para 100 milhões de toneladas, após 99 milhões em setembro;
- 5) Preço médio ao produtor de soja dos EUA elevado para US\$ 9,80/bushel, contra US\$ 9,25 em setembro e a média de US\$ 8,57/bushel no ano anterior;
- 6) Produção mundial de soja em 368,5 milhões de toneladas, com recuo ao redor de um milhão de toneladas em relação a setembro;
- 7) Estoques finais mundiais em 88,7 milhões de toneladas, contra 93,6 milhões em setembro (são os mais baixos estoques dos últimos anos).

Dito isso, os embarques de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 08/10, atingiram a 2,2 milhões de toneladas, ficando no nível mais elevado das expectativas do mercado. Com isso, em todo o atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, os EUA exportaram 9,1 milhões de toneladas, contra pouco mais de 5 milhões em igual momento do ano anterior.

Já a área de soja colhida atingia a 61% do total no dia 11/10, estando bem acima do esperado pelo mercado e igualmente acima dos 42% da média histórica para esta data. Esta informação, juntamente com vendas por parte dos Fundos, derrubou sensivelmente as cotações no dia 12/10 (segunda-feira), porém, este movimento de baixa não se sustentou. Das lavouras ainda a colher, 63% se mostravam entre boas a excelentes condições.

Ainda na esfera internacional, as importações da China aumentaram em setembro na medida em que carregamentos atrasados começaram a chegar no país asiático. Com isso, o total do mês subiu para 9,79 milhões de toneladas de soja, ou seja, 1,9% acima do importado em agosto. Este volume é 19% superior ao importado em setembro de 2019.

Neste momento, os estoques de soja na China se encontram em níveis recordes, atingindo a 7,12 milhões de toneladas em 11 de outubro, levando a crer que o país asiático poderá reduzir o ímpeto importador nos próximos meses. Todavia, parte do mercado exportador continua apostando em novas e importantes compras chinesas nos meses futuros.

Nos primeiros nove meses de 2020 as importações de soja por parte da China alcançaram a 74,5 milhões de toneladas, ou seja, 15,5% acima do registrado no mesmo período do ano anterior. Por sua vez, as importações de óleos vegetais em setembro ficaram em 921.000 toneladas, com recuo de 5,6% sobre agosto.

Aqui no Brasil, a comercialização da nova safra de soja 2020/21 já atingiu a 53% do total esperado, ficando bem acima da média histórica para a época que é de 25%. Já a safra velha chegava a 98,4% de seu total vendido. (cf. Safras & Mercado)

Os altos preços propostos para o próximo ano, diante de um câmbio que voltou a ultrapassar os R\$ 5,60 por dólar nesta semana, e de uma forte demanda chinesa, a qual mantém elevados os prêmios nos portos, associado a preços em Chicago agora acima de US\$ 10,00/bushel, estimulam os produtores a negociarem seu produto antecipadamente. É isso, mesmo que os mais eufóricos no mercado cheguem a apontar que o saco da oleaginosa possa atingir a R\$ 200,00 antes da nova colheita.

Por outro lado, o retorno das chuvas em muitas regiões produtoras, exceção feita ao Rio Grande do Sul em particular, não eliminou o atraso do novo plantio. Este fato igualmente está colocando pressão nos preços internos e externos da soja.

Neste sentido, até o dia 8 de outubro a área semeada chegava a 3,4% do esperado, sendo o plantio mais lento dos últimos 10 anos. Para se ter uma ideia do atraso, na mesma época do ano passado o plantio atingia a 11,1% da área. (cf. AgRural)

Graças a chuvas mais intensas no Paraná, este Estado chegou a 16% da área semeada durante a semana, contra 22% na mesma época do ano passado. O Paraná espera colher 20,4 milhões de toneladas de soja nesta nova safra, ou seja, 1% a menos do que o colhido no ano anterior. (cf. Deral)

Por sua vez, no Mato Grosso, a comercialização antecipada da nova safra atingia a 61% do total esperado, no início de outubro, contra a média histórica de 33% para a época. Já para a safra 2021/22, a ser plantada somente em setembro do próximo ano, as vendas antecipadas atingiam a 6,2% do volume esperado.

Neste contexto, os preços da soja voltaram a subir no Brasil. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 148,16/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim se estabeleceram: R\$ 142,00 no Paraná; R\$ 146,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 162,00 no CIF Maracaju (MS); R\$ 139,00/saco em Rio Verde (GO) e Luís Eduardo Magalhães (BA). O indicador ESALQ/BMFBovespa chegou a R\$ 155,85/saco em Paranaguá (PR) e R\$ 153,53/saco no interior daquele Estado.

Segundo a Conab, o Brasil deverá semear 37,9 milhões de hectares de soja nesta nova safra, fato que poderá originar 133,7 milhões de toneladas, ou seja, 7,1% acima do colhido no último ano.

Enfim, o Brasil espera exportar 2,3 milhões de toneladas de soja em outubro e 5,3 milhões em milho. Já em farelo de soja o volume seria de 1,5 milhão de toneladas. Caso estes volumes se confirmem, as exportações brasileiras de soja, nos 10 primeiros meses do ano, chegariam a 81,6 milhões de toneladas, ou seja, 24% acima de igual período do ano passado; 25,4 milhões de toneladas de milho, ou seja, menos 24,7%

em relação ao mesmo período do ano anterior; e 14,5 milhões de toneladas de farelo de soja, ou seja, 9,4% acima do exportado nos 10 primeiros meses de 2019.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago romperam o teto dos US\$ 4,00/bushel no fechamento da quinta-feira (15), atingindo a US\$ 4,03/bushel, contra US\$ 3,87 uma semana antes. O valor atual não era visto desde o dia 09/08/2019, portanto, a pouco mais de 14 meses.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no último dia 09/10, trouxe os seguintes números para 2020/21:

- 1) Safra estadunidense do cereal em 374 milhões de toneladas, com um recuo de pouco mais de quatro milhões de toneladas em relação a projeção de setembro;
- 2) Estoques finais estadunidenses em 55 milhões de toneladas, contra 63,6 milhões em setembro;
- 3) Produção argentina de milho projetada em 50 milhões de toneladas e a brasileira em 110 milhões;
- 4) Exportações projetadas para o Brasil em 39 milhões de toneladas;
- 5) Preço médio aos produtores estadunidenses do cereal em US\$ 3,60/bushel, contra US\$ 3,50 em setembro e US\$ 3,56/bushel na média do ano anterior;
- 6) Produção mundial de 1,159 bilhão de toneladas, com recuo de 2,5 milhões de toneladas sobre setembro;
- 7) Estoques finais mundiais em 300,4 milhões de toneladas, ou seja, 6,3 milhões abaixo do projetado em setembro.

Dito isso, a colheita da nova safra de milho nos EUA, até o dia 11/10, chegava a 41% da área total, superando o esperado pelo mercado e também os 32% que consistem na média histórica para esta época do ano. Da área ainda a ser colhida, 61% das lavouras se encontravam entre boas e excelentes condições.

Por outro lado, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana anterior, atingiram a 632.184 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado. Mesmo assim, o total do atual ano comercial recentemente iniciado atinge a 4,3 milhões de toneladas, contra pouco mais de 2,5 milhões registrados em igual momento do ano anterior.

Enquanto isso, o Ministério da Agricultura da Argentina informa que o plantio da nova safra de milho atingia a 29% da área esperada até o início da presente semana.

No Brasil, os preços do milho continuaram subindo nesta semana. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 62,21/saco, enquanto nas demais praças nacionais a média ficou em R\$ 58,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 59,00 no Paraná; R\$ 53,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 60,00 em Maracaju (MS); R\$ 66,00 em Itapetininga (SP); R\$ 72,00 no CIF Campinas (SP); R\$ 59,00/saco em Jataí e Rio Verde (GO).

Já na B3 o início do pregão da quinta-feira (15) apontava o contrato novembro com valor de R\$ 73,27/saco; janeiro R\$ 73,10; março R\$ 72,00; e maio R\$ 66,90/saco.

Por outro lado, há possibilidade de forte recuo nos preços do milho na virada do ano caso as exportações não aumentem e a safra de verão venha normal. Isso porque, muitos produtores da safrinha, capitalizados que estão, seguram o produto no momento. Se os mesmos venderem este milho no final do ano, haverá forte pressão de oferta, podendo mudar o cenário do mercado.

Quanto ao plantio da nova safra brasileira de verão, segundo Safras & Mercado, o Centro-Sul brasileiro já havia semeado 43% da área esperada até o dia 09/10. O plantio continua atrasado já que a média histórica é de 45% para esta época. O Rio Grande do Sul está mais avançado com 73% da área plantada, seguido do Paraná com 67% (o Deral aponta 78% da área semeada), Santa Catarina com 62% e São Paulo 1%. Em todos os Estados há atraso, especialmente em São Paulo, quando no ano passado o plantio já atingia a 23% da área, além de outros Estados que ainda não iniciaram adequadamente o mesmo e que no passado atingiam respectivamente 18% no Mato Grosso do Sul; 15% em Goiás; 5% em Minas Gerais; e 3% no Mato Grosso.

Em paralelo, no Mato Grosso a comercialização da safra 2019/20 atingia a 95,2% no início da presente semana, enquanto a nova safra 2020/21 apresentava 55% de venda antecipada. Também no caso do milho já há vendas antecipadas relativas a safra 2021/22, com a mesma atingindo a 2%. O preço médio futuro teria ficado em R\$ 46,74/saco, enquanto o milho disponível era cotado em R\$ 53,00/saco. (cf. Imea)

No Mato Grosso do Sul, a atual safrinha havia sido comercializada em 65% até o início da presente semana. A média nominal de preços está, neste momento, 85% superior à média de um ano atrás neste Estado. Por outro lado, o Mato Grosso do Sul exportou 847.900 toneladas de milho entre janeiro e setembro, com recuo de 54% em relação ao mesmo período de 2019. (cf. Famasul)

Quanto as exportações brasileiras do cereal, segundo a Secex, o país atingiu, nos sete primeiros dias úteis de outubro um total de 2,06 milhões de toneladas de milho. A média diária é 6,6% menor do que a média de setembro, embora esteja 7,3% acima do registrado em outubro de 2019. O preço médio da tonelada chegou a US\$ 171,40.

Considerando o que está programado para o restante de outubro, o Brasil teria em torno de 24 milhões de toneladas comprometidas com a exportação de milho neste ano. Seriam necessárias mais 10 milhões de toneladas para atingir a 34 milhões até janeiro, quando se encerra o atual ano comercial. Porém, analistas julgam que há pouco espaço para se alcançar este volume, pois os preços internos estão muito altos, freando as vendas externas. (cf. Safras & Mercado)

Neste contexto, a Anec estima que o total a ser exportado em outubro fique em 5,3 milhões de toneladas, contra 5,51 milhões em outubro de 2019. De janeiro a setembro o Brasil teria exportado 20,2 milhões de toneladas, com Irã e Japão sendo os maiores compradores e os Estados do Mato Grosso e Goiás os maiores exportadores nacionais.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo avançaram fortemente no fechamento desta quinta-feira (15), batendo em US\$ 6,18/bushel, contra US\$ 5,95 uma semana antes. Tal cotação não era vista há mais de três anos.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/10, apontou para o trigo, no ano 2020/21, os seguintes números:

- 1) Safra estadunidense estimada em 49,7 milhões de toneladas, com recuo de 300.000 toneladas em relação a setembro;
- 2) Estoques finais estadunidenses em 24 milhões de toneladas, com recuo de 1,2 milhão de toneladas sobre setembro;
- 3) Produção da Argentina em 19 milhões de toneladas, da Austrália em 28,5 milhões e a do Canadá em 35 milhões de toneladas (recuo de meio milhão de toneladas na Argentina e de um milhão no Canadá, em relação a setembro);
- 4) Produção brasileira de 6,6 milhões e importações de 6,7 milhões de toneladas;
- 5) Preço médio aos produtores estadunidenses em US\$ 4,70/bushel, contra US\$ 4,50 em setembro e US\$ 4,58 no ano anterior;
- 6) Produção mundial de trigo projetada em 773 milhões de toneladas, ou seja, quase três milhões acima do indicado em setembro;
- 7) Estoques finais mundiais de trigo em 321 milhões de toneladas, representando dois milhões de toneladas acima do indicado em setembro.

Dito isso, os EUA embarcaram na semana anterior um total de 514.086 toneladas do cereal, ficando dentro das projeções do mercado. No atual ano comercial o volume total chega a 10,4 milhões de toneladas do grão, ficando acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Analistas internacionais indicam que os preços mundiais do trigo possam ficar em torno destes níveis nos próximos meses diante da menor oferta, especialmente nos EUA, somada a uma demanda consistente.

Neste sentido, contrariando as estimativas do USDA, a Bolsa de Cerais de Rosário, na Argentina, avança que a safra local de trigo deve resultar em apenas 17 milhões de toneladas após os estragos provocados pelas geadas, o granizo e agora a seca, ficando em linha com nossas preocupações iniciais.

Aliás, esta deve ser a tendência igualmente aqui no Brasil, com a produção local ficando ao redor de 5,5 milhões de toneladas, sendo que boa parte dela com produto de qualidade inferior, especialmente devido aos estragos no Rio Grande do Sul.

Ainda na Argentina, o governo local aprovou a comercialização da variedade transgênica de trigo HB4 da Bioceres, destacando que o produto só poderá ser negociado depois de autorizada a importação pelo Brasil. Neste sentido, a Abitrigo e 85% dos moinhos brasileiros se posicionaram, nesta semana, contrários ao uso deste trigo. Cerca de 90% dos moinhos igualmente informaram que estariam dispostos a interromperem as compras de trigo do vizinho país caso tal trigo venha a ser produzido por lá. Resta saber como esse posicionamento se dará na prática, a partir das

consequências que tudo isso poderá provocar no mercado global do cereal. Já vimos no que deu esta história em relação as importações europeias de soja transgênica produzida na Argentina e no Brasil nos anos de 1990 e início dos anos 2000.

Por outro lado, na Rússia, igualmente o clima seco vem prejudicando o trigo, desta feita em sua semeadura de inverno. O mesmo poderá levar a redução da área local entre 10% e 15% segundo o governo local. Na Ucrânia igualmente o problema se faz presente. Esta situação elevou os preços do cereal neste final de semana em Chicago.

Enfim, vale destacar que o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 11/10, atingia a 68% da área esperada, contra 61% na média histórica. Cerca de 41% desta área estava com trigo já nascido, contra 35% na média histórica para esta data.

No Brasil, os preços do trigo se mantiveram em alta, mesmo com a colheita caminhando para o final no Paraná. Aliás, neste Estado, no final da semana passada, fortes ventos, acompanhados de granizo, atingiram lavouras de trigo, causando novos prejuízos em muitas localidades. Ainda não se tem números concretos dos estragos.

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 62,13/saco, enquanto no Paraná o produto oscilou entre R\$ 67,00 e R\$ 70,00/saco. Além da quebra da safra nacional, a nova desvalorização do Real encareceu ainda mais o produto importado. Soma-se a isso o aumento dos preços mundiais, elevando os valores na Argentina, principal fornecedor brasileiro.

Enfim, no Rio Grande do Sul cerca de 2% da área de trigo havia sido colhida até o início da presente semana, com as produtividades sendo muito ruins na média. Em alguns locais as mesmas não passavam de 5 sacos/hectare. Os efeitos das geadas de agosto e do granizo de setembro começam a aparecer de forma concreta. E, agora, tem-se um longo período de seca, que prejudica ainda mais a cultura.

Diante disso, a produção final gaúcha e brasileira poderá ser bem menor do que o esperado, especialmente no que diz respeito ao volume de produto de qualidade superior.